

SOLIDÕES EM AUTRAN DOURADO: PENSANDO A INSURGÊNCIA DESCOLONIAL PELA SOLIDÃO

Luiz Eduardo Ludvig Alencastro

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Edgar César Nolasco

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Resumo: O artigo emerge do projeto intitulado de “Os Segredos da Solidão: o *anthropos* a partir de Autran Dourado”, em andamento no Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC) e orientado pelo Prof. Dr. Edgar César Nolasco. Neste texto, em específico, visamos entender a dualidade entre o escritor Autran Dourado e o protagonista João da Fonseca, do conto “Inventário do primeiro dia”, presente no livro *Solidão solitude*, como *alter-ego* do escritor. Para tanto, nossa leitura teórica será embasada, sobretudo, por uma óptica descolonial, que privilegiará, de modo mais detido, o conceito de *Anthropos*. Também amparando-nos na Crítica biográfica fronteira, será determinante para a discussão proposta o conceito *biolocus*. Tanto o conceito de *Anthropos*, quanto o de *biolocus* serão responsáveis para estabelecer e pontuar a relação de *alter-ego* buscada ao longo do artigo.

Palavras-chave: Autran Dourado, Descolonialidade, Solidão, *Anthropos*, Crítica Biográfica Fronteira

Abstract: The article emerges from the project: “Os Segredos da Solidão: O *Anthropos* a partir de Autran Dourado”, produced at the Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC) and supervised by Ph. D Edgar César Nolasco. We aim to understand the duality between Autran and João da Fonseca, writer’s *alter-ego*, through a decolonial perspective. Thus, we use the concept of *Anthropos* in order to understand its mechanisms of escape and subversion of *Coloniality* (Quijano, 1992) and through Biographic frontier criticism we inserted the production’s *biolocus* as a *sine qua non* condition to articulate the former themes. Through reviews and theorizations on theoretical and literary texts, we hope to achieve greater complexity about the attitudes of anthropos subjects.

Keywords: Autran Dourado, Decoloniality, Solitude, *Anthropos*, Biographic Frontier Criticism

Autran Dourado e João da Fonseca Nogueira: duas faces, um corpo

Isso, se não considerarmos os contos filosóficos e de poética como “Marinha”, “A Glória do Ofício” e “Os Mínimos Carapinas do Nada”, que de uma certa maneira são também autobiográficos. Muitos desses contos se acham em *Solidão Solitude*, *Armas & Corações*, *As Imaginações Pecaminosas* e *Violetas e Caracóis*.

Uma coisa é certa: todos esses livros narram a minha história pessoal, suas personagens são eu mesmo, mesmo as femininas.

Eneida Maria de Souza

Enquanto a noite rolava, fazia um inventário completo de seu primeiro dia no internato. E então já não estava mais se lembrando, mas contando a alguém a sua história. Começava a inventar? Talvez, porque a memória não é estanque. Contava a sua história.

Autran Dourado

Autran Dourado publica *Solidão Solitude* em 1972, o qual contém doze contos divididos em quatro seções de três contos cada. Essa obra foi produzida ao longo de 24 anos, desde a escrita da primeira seção de contos, *Três Histórias na Praia* em 1951/52, até a publicação da última parte intitulada *Três Histórias na Solidão*, as quais sofrem uma demão final um ano antes do lançamento do livro.¹ Resvalamos nas epígrafes que nos possibilitam pensar a presença do autor dentro de sua própria obra, bem como os entrecruzamentos das ações dos personagens com uma leitura de mote descolonial. O mineiro conta a sua história tanto intermediada pelos seus personagens, quanto atravessada pela história deles. Assim, partimos do conto “Inventário do Primeiro Dia”, já que se percebe o protagonismo do *alter ego* confesso de Autran e uma unidade temática tanto no que concerne ao lugar dos acontecimentos quanto do sentimento inerente de solidão que molda as atitudes dos personagens. Isso, por sua vez, é determinante e imprescindível para a proposta de leitura que levantamos.

¹ Autran Dourado. *Solidão Solitude*. Prefácio. Rio de Janeiro, Record, 1983.

Antes de qualquer intento de desenvolver a linha de raciocínio que almejamos, é imperativo compreender o caminho percorrido por João da Fonseca Nogueira, além dos imbricamentos com a vida do autor. A jornada do protagonista é marcada pelo constante abandono, uma vez que é um personagem prestes a ingressar no internato. Dessa forma, o conto perpassa cenários nos quais o constante desgarre de sua mãe, de sua amiga e de seu pai formata a percepção de um sujeito constituído pela solidão. Quando chega ao internato, depara-se com um ambiente novo que o recebe de maneira hostil e, num intento de fugir dos trotes que sofre, passa a inventar o seu primeiro dia no internato: “Enquanto a noite rolava, fazia um inventário completo de seu primeiro dia no internato. E então já não estava mais se lembrando, mas contando a alguém a sua história. Começava a inventar?”². Ato descrito no último parágrafo do conto e que justifica o título da narrativa.

Por agora, buscamos verter nossa discussão para as reflexões de ordem descolonial, no que tange à caracterização de JFN³ enquanto sujeito *anthropos*. Nesse viés, explicitamos que a construção desse conceito se dá em bases coloniais; sendo assim, faz-se necessário que compreendamos o conceito de colonialidade, já que é comumente confundido com colonialismo e assim associado erroneamente a uma política de dominação fundamentada na exploração territorial e econômica geradora de condições desiguais e de submissão para certos grupos sociais. Delimitamos nosso recorte epistemológico partindo de Anibal Quijano⁴, sociólogo peruano, quando postula que a soberania europeia em solo latino-americano representou um conjunto de ações que transcende a mera dominância de território, visando crescimento econômico das metrópoles. O amálgama de histórias nativas foi suprimido a uma única perspectiva, a eurocêntrica, impactando as formas de produzir conhecimento e subvertendo a experiência sensível dos colonizados a um caráter de inválido perante os padrões metropolitanos. Outorga-se a edificação da cultura latina e a substitui pela referência colonial, ensinando os dominados a retroalimentarem o sistema de subjugamento (im)posto a eles.

A essa perspectiva que damos o nome de colonialidade, percebemos como ultrapassa a barreira geográfica/econômica e atinge o campo cognitivo, implantando à força padrões de divisão social erigidos em terreno europeu. Justamente pelo contexto cognitivamente⁵ colonizatório é que se pode conceituar o sujeito *anthropos* com mais profundidade. Inicialmente, o

² Autran Dourado. Prefácio. *Solidão Solitude*. io de Janeiro, Record, 1983, p.89.

³ Abreviação de João da Fonseca Nogueira

⁴ Anibal Quijano. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas* (org. Edgardo Lander). Buenos Aires: Clacso, 2005, p. 121.

⁵ Cf. Boaventura de Sousa Santos. *O Fim do Império Cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

teórico descolonial argentino Walter Mignolo propõe que *anthropos* se enquadra enquanto o “outro” das discussões sobre alteridade, pensando-o como um ser *abandonado, rechaçado e marginalizado* e sempre sob o controle do *humanitas*, seu oposto o qual é caracterizado pelo domínio do discurso que mantém as classificações segregacionistas em constante atividade.⁶ Ademais, uma vez que a introjeção de formatações europeias de sociedade se põe como condição *sine qua non* para a criação do discurso que veicula a própria existência do *anthropos*, é plausível afirmarmos que tal categoria não existe ontologicamente, mas é criada com o tão somente intuito de dominar grupos específicos de sujeitos.

Estreitamos os laços entre nossas teorizações até aqui e JFN referente às situações que ele vive a partir do momento em que chega ao internato. Toda a chegada do garoto à instituição de ensino nos leva a refletir sobre a percepção de si mesmo naquele ambiente novo. A formação do vazio após a despedida do pai⁷, a preocupação em “ser homem”⁸, a vontade de querer ser mais velho para não lidar com as coisas novas e a lembrança melancólica da bênção da mãe⁹ exprimem a ideia de um jovem *abandonado*. As cenas subsequentes que retratam os pães atirados no garoto como forma de excluí-lo e nós na garganta¹⁰ nos ajudam a pensá-lo como alguém *rechaçado*. Por fim, a invenção de seu primeiro dia no internato é o ato final que corrobora para a sua condição de *marginalizado*, querendo retomar o controle de uma narrativa que está além do seu controle. Portanto, avançamos a aproximação entre JFN e *anthropos* por intermédio de sua má recepção em um ambiente novo e sua ânsia de retomar o controle da situação pela invenção do conto.

Ainda que o protagonista possa ser associado ao *anthropos*, pela leitura da própria superfície textual, tal método nos é muito superficial para fundar uma visada crítica. Acerca disso, buscamos entender que o fragmento da obra escolhida não é vivido somente por um garoto novato no internato, senão pelo *alter ego* de Dourado, o que nos instiga a pensar os entrelaçamentos entre a vida do autor, sua obra e nossas discussões de óptica descolonial. Nesse sentido, aproximamos as duas figuras no que concerne à solidão, pois na seção onde o conto se encontra o sentimento é mais que uma mera sensação, a solidão representa um elemento constitutivo da obra do escritor. Com esse intuito, citamos a resposta de Autran quando questionado pela *Folha de São Paulo* sobre a ligação latente entre seus personagens e a solidão:

⁶ Walter Mignolo. Desafios decoloniais hoje. In: *Epistemologias do sul*. Foz do Iguaçu, 2017, p. 18.

⁷ Autran Dourado. Inventário do primeiro dia. *Solidão Solitude*. Rio de Janeiro, Record, 1983. p. 87.

⁸ Idem, *ibidem*.

⁹ Idem, *ibidem*.

¹⁰ *Ibidem*, p. 88.

Meus personagens se parecem muito comigo. Eu os conheço bem e sofro a angústia que eles sofrem. Não tenho nenhum prazer em escrever. Depois de pronta a obra, aí me dá uma certa satisfação, mas a mesma que dá quando se descarrega dos ombros um fardo pesado.¹¹

No excerto vemos que a *práxis* intrínseca à escritura de Autran Dourado se circunscreve nas suas experiências biográficas e se veicula pelas suas sensibilidades e tal máxima ganha mais corpo quando tomamos em consideração que JFN é um *alter ego*, fato que o leva a ter um transpassamento mais íntimo com seu escritor. Além disso, cabe ressaltar que a produção de *Solidão Solitude* está situada em um período no qual Dourado exercia seu cargo de secretário de imprensa no governo de Juscelino Kubitschek e comenta sobre esse momento de sua vida:

O interregno da presidência da República alterou meu método de trabalho. Trabalhei para os outros imensamente nos tempos de Juscelino, perdendo noites de sono, dormindo em horas extravagantes, lidando com políticos, com pessoas que nada tinham a ver com as minhas cogitações. Meu trabalho de escritor ficou tumultuado; minha disciplina foi alterada: não conseguia manter meu programa de trabalho. Nessa época, escrevi alguns contos e continuei um pouco *A Barca dos Homens*, que já tinha sido começada.¹²

A leitura das duas passagens anteriores consolida a hipótese de que a edificação da obra autraniana, especificamente a que estamos lendo neste artigo, dá-se em concomitância com os atravessamentos biográficos de quem o escreve. É de suma importância, antes de prosseguirmos, que aclaremos que nossas intenções não se direcionam em estabelecer leituras de cunho psicologizante, nas quais criamos, com base em sistemas analíticos do texto literário, possíveis metáforas, sumarizações ou conclusões categóricas. *A partir do*¹³ texto literário fazemos emergir nossas pautas cujos entrelaçamentos de caráter biográfico do autor se coadunam com os de seus pesquisadores, assim se conclama a crítica biográfica fronteira¹⁴, tônica indispensável desse trabalho, dado que a leitura aqui tecida só se materializa devido à aproximação percebida entre JFN, um sujeito *anthropos*, Autran e o *biólócus*¹⁵ de produção deste texto.

¹¹ Julián Fuks. “Autran Dourado diz que escrever não dá prazer e é uma fatalidade”. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u52320.shtml>> Acesso em: 19 fev. 2024.

¹² Autran Dourado. Depoimento biográfico. Proseando com Autran Dourado. *Literatura comentada Autran Dourado*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 1983, p. 6.

¹³ Edgar Nolasco. Crítica biográfica fronteira (BRASIL/PARAGUAI/BOLÍVIA). *Cadernos de estudos culturais: BRasil/Paraguai/Bolívia*. Campo Grande-MS: Editora UFMS, 2015. pp. 63-64.

¹⁴ Idem, Ibidem.

¹⁵ Termo presente no artigo “Crítica biográfica fronteira (BRASIL/PARAGUAI/BOLÍVIA)” de Edgar César Nolasco e se refere, *grosso modo*, à inscrição do *bios* (vida) e *lócus* (lugar) de enunciação do autor e crítico em um diálogo que visa aproximar sensibilidades, há tanto relegadas pela colonialidade.

Perpassando a crítica biográfica fronteiriça, é importante que especifiquemos o espectro que o termo “fronteira” possui para que consequentemente compreendamos o adjetivo empregado na alcunha da teoria que elegemos. Portanto, pensamos a fronteira como um local que ultrapassa definições territoriais e/ou políticas, trata-se do local, acima de tudo, epistêmico, onde nos situamos dentro do sistema moderno, o local de *rechaço, abandono e marginalização*, ou seja, do *anthropos*. Consideramos esse espaço como a singularidade de onde emergem nossos pensamentos e que nos confere a rubrica de descoloniais.¹⁶ Nossas condições como pesquisadores fronteiriços de literatura, localizados na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul em Campo Grande, valorizam nossas sensibilidades de mundo, isto é, a maneira como o corpo situado em um *lócus* específico desempenha um papel essencial para a apreensão do mundo. Sob essa perspectiva buscamos pavimentar teoricamente um caminho que põe em cheque a figura autoral em detrimento com o caráter solitário dos enredos autranianos.

Nesse ínterim, o pesquisador Jonatas Guimarães pressupõe acerca de Autran Dourado uma simbiose entre autor e obra, bem como a formulação de elementos que participam de uma estética autoral que compõem reciprocamente o autor e o personagem¹⁷. Avançamos a discussão à guisa da descolonialidade, quando teorizamos a composição dessa estética se dá por meio do corpo, evocando a descentralização do autor como detentor final do texto. Por conseguinte, se metodizamos a vigente leitura perpassados por nossas vidas encenadas na/da fronteira¹⁸, atravessadas por um *biolócus* caracterizado pela solidão e rechaço tipicamente dos *anthropos* e, ademais, já evidenciamos intrincamentos entre o mineiro e JFN cujas tangentes cotejam a descolonialidade, podemos afirmar que a experiência do corpo dissipa a figura moderna autoral, enquanto criador uno e deslocado de seus personagens.

Por enquanto, adentramos o contorno teórico pretendido, ao aproximar JFN, Autran Dourado e *anthropos*, pensando-os pelo espectro descolonial. Não obstante, ressaltamos que a leitura do conto e nossas ponderações sobre o binômio Autran e JFN oferecem a interpretação de que o constante resgate das experiências corporais, tendo em vista a associação dos relatos biográficos e a rubrica da crítica biográfica fronteiriça erigem a composição autraniana como uma prática intrínseca das sensibilidades de mundo pertencentes ao escritor e a nós, seus críticos.

¹⁶Walter Mignolo. Geopolíticas de la sensibilidad y del conocimiento. Centro de Estudios Filosóficos Adolfo García Díaz, *Revista de filosofía*. Macaraibo: Universidad de Zulia, 2013.

¹⁷Jonatas Guimarães. Os autrans outros: os muitos autores de um autor. In: *Diacrítica*. Vol. 35, n.º 3, 2021, pp. 218. DOI: doi.org/10.21814/diacrítica.685.

¹⁸Edgar Nolasco. Crítica biográfica fronteiriça (BRASIL/PARAGUAI/BOLÍVIA). In: Edgar Nolasco (org). *Cadernos de estudos culturais*: BRasil/Paraguai/Bolívia. Campo Grande-MS: Editora UFMS, 2015. p. 59.

É nesse momento que a figura cartesiana do *cogito ergo sum*¹⁹, a qual sobrepõe a razão sobre o corpo e dá forma à personalidade autoral moderna, entra em crise para dar espaço às vozes geográfica e epistemologicamente fronteiriças que, assim como a composição de Dourado, destinam-se a produzir considerando o corpo e seu local.

Penso logo corazono

Ha sido la fuerza insurgente de la ternura, de la esperanza, de los sueños y de la alegría de mujeres, hombres, ancianos, jóvenes y niños – no como recursos retóricos, ni re-teóricos, sino como fuerzas insurgentes insustituibles para transformar todas las dimensiones de la vida, que han sido tejidas desde sus propios territorios del vivir – la que ha permitido que esos pueblos subalternados por el poder, a pesar de estar acorralados por la muerte, no sólo recuperen la palabra y puedan hablar por sí mismos, sino que sobre todo, luchen, bailen, sonrían y canten; que encuentren desde la profundidad de sus dolores formas para seguir amando, para seguir soñando y creyendo, para burlar la muerte, y para continuar tejiendo la sagrada trama de la vida.²⁰

Patricio Guerrero Arias

A partir do assujeitado pela colonialidade articulado no interior do nosso raciocínio como *anthropos*, as relações biográficas (Autran e JFN) situadas no *locus* fronteiriço de nossa arguição alicerçam novas ponderações no que concerne aos desdobramentos da composição autraniana, a qual já evidenciamos que se caracteriza primordialmente pelo resgate das experiências corporais como pré-condição essencial da simbiose entre autor e personagem além do concomitantemente esvanecimento da figura autoral.

¹⁹ Postulação de René Descartes que em português se traduz para “Penso logo existo”.

²⁰ Tradução nossa: Foi a força insurgente da ternura, da esperança, dos sonhos e da alegria de mulheres, homens, idosos, jovens e crianças -não como recursos retóricos, nem re-teóricos, mas como forças insurgentes insubstituíveis para transformar todas as dimensões da vida, que foram tecidas de seus próprios territórios do viver- a que permitiu que esses povos subalternados pelo poder, apesar de estarem encurralados pela morte, não só recuperem a palavra e possam falar por si mesmos, mas sobretudo, lutem, dançam, sorriam e cantem; que encontrem, a partir da profundidade das suas dores, formas de continuar a amar, de continuar a sonhar e a crer, de burlar a morte e de continuar a tecer a sagrada trama da vida.

Deste modo, evocamos a epígrafe na sugestão de abalizar tal perspectiva teórica pelo *corazonar*²¹ proposto pelo teórico Guerrero Arias. Buscamos, então, pensar os assujeitados da colonialidade enquanto seres que pensam por si mesmos, não mais sendo objetos de uma grande narrativa retórica, pois coloca em voga, aprioristicamente e em consonância com o que formulamos partindo de Quijano, o questionamento de se realmente temos uma independência a ser celebrada das metrópoles europeias.²²

Tencionamos a crítica à colonialidade, como se denota enquanto alma deste trabalho, no sentido de que ainda que o regime de soberania territorial e econômica tenha se findado, o colonialismo muda de aparência e mantém seu regime autoritário e eurocentrado e por isso o cunhamos de colonialidade. Porém, parafraseando Mignolo, o que nos resta não é simplesmente alterar os termos usados²³, necessitamos ir mais além e alterá-los quanto ao conteúdo e sob a égide da crítica biográfica fronteiriça erigir uma teorização que nos teorize enquanto sujeitos fronteiriços. Nesse alcance teórico, pomos em desarticulação a base da cultura filosófica moderna, o *cogito* cartesiano, para qualificarmos o *corazonar* como caminho viável de subversão da colonialidade.

Uma vez entendido que a nossa discussão se circunscreve na direção de estabelecer uma crítica à colonialidade, destacamos seu poder despótico por universalizar as formas de produção de conhecimento, subsidiadas de maneira eurocentrada, e a partir dessa perspectiva monopolizar a enunciação desse discurso na qualidade de verdade inegociável, jogando à margem qualquer tipo de conhecimento que não se lapide à imagem da referência europeia.²⁴ Exatamente sobre o pilar teórico da universalidade, outras conceituações de ordem despótica são constituídas, como a definição ocidental de que o homem é um ser racional e só pode pensar sua existência se essa estiver assentada na lógica e na racionalidade.²⁵ Assim se define o *cogito ergo sum* de Descartes que prima pela centralização da mente e da razão, portanto, o corpo e suas particularidades são deixados de lado, não participando dos elementos constituintes da epistemologia moderna.

²¹Patricio Guerrero Arias. Corazonar el sentido de las epistemologías dominantes desde las sabidurías insurgentes, para construir sentidos otros de la existencia (primera parte). In: *Calle 14: revista de investigación en el campo del arte*. Bogotá, Colombia: Universidad Distrital Francisco José de Carlos Colombia.

²² Ibidem, p. 5.

²³ Walter Mignolo. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF. Dossiê Literatura, língua e identidade*, n° 34, p.287-324, 2008.

²⁴ Patricio Guerrero Arias. Corazonar el sentido de las epistemologías dominantes desde las sabidurías insurgentes, para construir sentidos otros de la existencia (primera parte). In: *Calle 14: revista de investigación en el campo del arte*. Bogotá, Colombia: Universidad Distrital Francisco José de Carlos Colombia, p. 6.

²⁵ Ibidem p. 10.

Dentro da óptica colonial, considerando sobretudo seu projeto de soberania cognitiva, compreendemos que a criação da dualidade, mutuamente excludente, mente-corpo se configura como mecanismo imprescindível para descredibilizar as formas de conhecer dos dominados e pô-los em condição sub-humana, já que não conhecem o mundo pelos mesmos prismas que seus jugos europeus. Dessa forma, estabelecer a definição da essência humana por meio exclusivo da razão implica fragmentar a condição humana, impor sobre ela caracteres valorativos excludentes e o uso dessa lógica é pertinentemente aplicado no cerne da colonialidade, pois, uma vez fragmentados, a conquista se facilita pela aniquilação do corpo e implantação de uma dicotomia a qual o pensa como inútil e dispensável.

Quando nos referimos ao termo “fragmentar”, é decisivo que nossa discussão se verta em dissecar a dualidade mente-corpo, para reestruturá-la livre de quaisquer dicotomias. Para tanto, explicitamos que a colonização de perspectivas epistemológicas não só centraliza a razão cartesiana como componente nuclear para a formulação de conhecimento, mas, acima de tudo, destitui a condição de humano de qualquer um que saia de sua lógica. Isso significa, em termos práticos, exterminar qualquer traço de humanidade, subjetividade, sensibilidade e afetividade para que sujeitos específicos, nós os *anthropos*, convertessem-se em objetos destituídos de qualquer valor, em outras palavras, convertemo-nos em coisas, objetos de domínio, números, recursos a serem explorados por um projeto que não nos abrange.²⁶

À luz das explanações anteriores, ponderamos se a composição autraniana poderia se aproximar às teorias de Arias, pois vai na contramão da lógica colonial por considerar o corpo, plasmado pela solidão, durante sua *práxis* criativa, seja na escrita de seu *alter ego* ou na constituição da seção onde o conto central de nossa discussão se localiza. Enfoquemo-nos nesse último tópico, ainda que nossas leituras tenham sido erigidas *a partir* do conto “Inventário do Primeiro Dia” e as relações biográficas entre autor e *alter ego*, a seção *Três Histórias no Internato* nos concede a presença de personagens que dialogam com o matiz de nossa leitura. Privilegiamos, especificamente, o segundo conto dessa parte, “História Natural”, pelo professor Santana, protagonista do conto. O docente, estudante do internato desde pequeno e posteriormente funcionário do mesmo local que o acolheu na condição de acadêmico, preza pela racionalidade em todas as questões que lhe envolve, não por razões de praticidade ou personalidade metódica, senão porque seus sentimentos sempre lhe causam ansiedade a ponto de edificar uma imagem desvalorativa sobre si mesmo.²⁷ “Não queria mais sentir aquela angústia, preferia desistir de fazer

²⁶ Idem, *ibidem*.

²⁷ Stella Montalvão. Autran Dourado: Estigma e identidade em “História Natural”. In: *Araticum*: Revista Eletrônica do Programa de Mestrado em Estudos Literários da Unimontes. Montes Claros, Minas Gerais: Editora Unimontes, p. 8.

as coisas que o inquietam”²⁸ e assim vive o professor Santana até sua expulsão do internato, quando se viu solitário no mundo.²⁹

Cogitamos sob a ideia da solidão, elemento basilar da composição de Dourado, que tanto JFN quanto professor Santana transcendem o binômio Autran-personagem, no que tange à centralização da figura autoral e nos auxiliam a ampliar os entendimentos descoloniais sobre o conceito de *anthropos*. Contida em ponderações de ordem descolonial a partir da literatura, nossa hipótese corrobora que a solidão, transmutada nos personagens e enredos do mineiro, funda o pilar central que sustenta a práxis corpo-criativa do escritor por compor e privilegiar sua percepção simbiótica com suas criações. Tomados por esse ponto de vista, pode-se criar a falaciosa impressão de que objetivamos inverter a ordem colonial e colocar o corpo acima da razão. Entretanto, abalizados pela crítica biográfica fronteira, buscamos pensar uma terceira via pela qual nossas sensibilidades sejam valorizadas, no intuito de abrangê-las enquanto caminhos possíveis e válidos a serem considerados, tal qual faz Autran Dourado com suas histórias no internato.

Na condição de uma terceira via, a qual não inverte a ordem nem a confirma, mas a critica pensando em outros caminhos igualmente possíveis, propomos e notamos o *corazonar* como método de escape dos efeitos latentes da colonialidade. Já que nossa condição humana foi fragmentada, nossas sensibilidades desconsideradas, nossas subjetividades transformadas em objeto de estudo para dominação, cabe a nós reintegrarmos nossa humanidade em suas dimensões afetivas e racionais. Não centralizamos o coração, o corpo, as sensibilidades, o *corazonar* é sobre a descentralização, fraturar o hegemônico da razão e o colocar em convivência com os afetos, buscamos, então, conferir à afetividade inteligência e cognição, torná-la elemento do cerne de nossas epistemologias.³⁰ Reiteramos a visada de Arias, quando consideramos o *corazonar* como imperativo para estabelecer um ato de insurgência descolonial.³¹

A literatura pensa a solidão

A literatura ajuda a pensar o mundo, como filosofia. A filosofia pensa racionalisticamente, a literatura plasticamente, emocionalmente.

²⁸ Autran Dourado. História natural. *Solidão Solitude*. Rio de Janeiro, Record, 1983. p. 95.

²⁹ Ibidem, p. 101.

³⁰ Patricio Guerrero Arias. Corazonar el sentido de las epistemologías dominantes desde las sabidurías insurgentes, para construir sentidos otros de la existencia (primera parte). In: *Calle 14: revista de investigación en el campo del arte*. Bogotá, Colombia: Universidad Distrital Francisco José de Carlos Colombia, p. 11.

³¹ Idem, ibidem.

Preferimos iniciar nossas reflexões finais em diálogo com a epígrafe escolhida para essa última seção e salientar o que discutimos anteriormente acerca do resgate do corpo. No depoimento de Autran Dourado dado no segundo “Encontro com escritores mineiros”, temos mais uma noção sobre a maneira como o literato reflexiona sobre o que produz. A comparação estabelecida e, acima de tudo, a possibilidade de conceituar a literatura como método pensante do mundo, veiculado pelas emoções, faz-se imprescindível para o encerramento das nossas ponderações.

Ao longo do trajeto conceitual a partir dos textos literários do mineiro, entendemos que para poder fundamentar o que pensamos, passamos pelas lentes descoloniais a fim de compreender mais a fundo a dinâmica dos sujeitos *anthropos* no texto autraniano. Circunscritos sob a rubrica da crítica biográfica fronteiriça, lemos a existência de João da Fonseca Nogueira, *alter ego* do mineiro, em conjunto com as sensibilidades do autor e de nós, pesquisadores, como forças motrizes para nossa interpretação que preconiza, primordialmente, os impactos da colonialidade nas perspectivas cognitivas que levam à criação do próprio *anthropos* como mecanismo de dominação inerente ao sistema colonial. Os atravessamentos dessas articulações são percebidos na narrativa do conto “Inventário do Primeiro Dia”, no qual o protagonista nos ajuda a pensar as relações entre Autran e seu *alter ego* por ópticas biográficas.

O fim de nossa caminhada teórica deságua no trabalho com mais afinco em entender o desenrolar da solidão autraniana para além da *práxis* criativa. Para tanto, nossa leitura em Arias com o *corazonar* esclarece a questão e erigimos, desse ponto, a concepção de que a solidão representa um elemento *sine qua non* para a existência de João da Fonseca Nogueira e a criação literária do mineiro. Portanto, assumimos a recuperação das experiências sensíveis, *a partir do* corpo, como tal pré-condição imprescindível da alquimia autraniana. Nesse ponto, em específico, damos destaque à epígrafe, pois valorizar os afetos e tomar a literatura enquanto caminho de resgate do que nos foi fragmentado, o corpo, torna-se tônica principal de nossas reflexões que visam o questionamento das pautas coloniais. Em suma, podemos afirmar que a literatura autraniana pensa, sim, o mundo de forma plástica e emocional, mas o faz em suas solidões e solitudes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Angela Senra. *Literatura comentada Aufran Dourado*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1983.
- Aufran Dourado. *Solidão Solitude*. Rio de Janeiro, Record, 1983.
- Fuks, Julián. Julián Funks: “Aufran Dourado diz que escrever não dá prazer e é uma fatalidade”. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u52320.shtml>>. Acesso em: 19 fev 2024.
- Arias, Patricio Guerrero. Corazonar el sentido de las epistemologías dominantes desde las sabidurías insurgentes, para construir sentidos otros de la existencia (primera parte). In: *Calle 14: revista de investigación en el campo del arte*. Bogotá, Colombia: Universidad Distrital Francisco José de Carlos Colombia.
- Guimarães. Jonatas. Os autrans outros: os muitos autores de um autor. In: *Diacrítica*. Vol. 35, n.º 3, 2021, pp. 216-231.
- Mignolo, Walter. Desafios decoloniais hoje. In: *Epistemologias do sul*. Foz do Iguaçu/PR, 2017.
- Mignolo, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF*. n.º 34, p.287-324, 2008.
- Mignolo, Walter. Geopolíticas de la sensibilidad y del conocimiento. Centro de Estudios Filosóficos Adolfo García Díaz, *Revista de filosofía*. Macaraibo: Universidad de Zulia, 2013.
- Montalvão, Stella. Aufran Dourado: Estigma e identidade em “História Natural”. In: *Araticum: Revista Eletrônica do Programa de Mestrado em Estudos Literários da Unimontes*. Montes Claros, Minas Gerais: Editora Unimontes.
- Nolasco, Edgar. Crítica biográfica fronteiriça (BRASIL/PARAGUAI/BOLÍVIA). In: *Cadernos de estudos culturais: Brasil/Paraguai/Bolívia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2015.
- Quijano, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: (org. Edgardo Lander) *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005.

Luiz Eduardo Ludvig Alencastro é Graduando de Letras - Licenciatura habilitação em Português/Espanhol pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), graduando de Letras - Licenciatura habilitação em Português/Inglês pela Universidade Estácio de Sá. Bolsista CNPq do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), desenvolve pesquisas sobre Aufran Dourado, escritor mineiro, pelo Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC). Tem experiência na área de Letras/Literatura Comparada, produzindo pesquisas, sob as seguintes óticas e temas: Teoria Literária, Literatura Comparada, Literatura Brasileira, Crítica biográfica fronteiriça, Descolonialidade, Estudos Literários, Estudos Culturais, Aufran Dourado, Solidão e Solitude.

Edgar César Nolasco dos Santos é professor titular da UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. Possui mestrado em Teoria da Literatura (UFMG), doutorado em Literatura Comparada (UFMG), com pós-doutorado em Cultura (PACC-UFRJ). Ministra as disciplinas Teoria da Literatura e Literatura Comparada na Graduação em Letras e Literatura Comparada e Teorias sem disciplina na Pós-Graduação Estudos de Linguagens. É fundador e coordenador do NECC: NÚCLEO DE ESTUDOS CULTURAIS COMPARADOS (desde 2009), e editor-presidente dos periódicos do grupo CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS (desde 2009). Além de estudioso da obra de Clarice Lispector, tem pesquisado e orientado projetos acerca dos Estudos descoloniais/fronteiriços.